

CULTURA, EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Simone Silva Teixeira Lima ¹

RESUMO

Esse texto trata sobre a relação entre cultura, educação e os processos criativos, que demonstram fundamental importância na formação das singularidades culturais. Os processos criativos estimulam na construção das singularidades, permitindo formas diversas das expressões culturais na educação e em seus espaços educacionais, logo, podemos entender a relação existente entre cultura e educação, e as experiências entre elas compartilhadas. Deste modo, este trabalho compreende a construção da singularidade cultural, a partir de aspectos do processo de criação busca, identificados na arte e seus campos artísticos, tendo como ponto de partida o entendimento da cultura, suas características singulares e registros de percepção na relação dialógica entre educação e cultura. Observaremos as perspectivas no contexto da cultura regional e suas conexões com as características singulares, o estímulo dos processos criativos e a relação com a educação, com vistas para a BNCC. A partir do entendimento sobre processos de criação, identificamos a articulação entre os fazeres artísticos como um processo em construção, idealizando as diferenças nas expressões artísticas e nos processos de criação, dando maior valorização e compreensão das características que definem e constroem as singularidades culturais. Para tal, faz-se necessário uma revisão bibliográfica acerca da temática proposta, com o objetivo de nortear o debate sobre a questão da cultura e sua relação com a educação e os processos criativos nos espaços educacionais. Desta forma, autores como Santos (1987), Freire (1963), Kepler (2015) e Salles (2006) dialogam nesta discussão proposta.

Palavras-chave: Singularidade, Processos de Criação, Cultura Regional, Educação.

INTRODUÇÃO

Entender a relação entre arte e cultura é buscar entender as conexões criadas e suas singularidades. As mudanças que acontecem no mundo dos artistas e de suas artes, nos permitem identificar suas evoluções e olhares, mas também suas individualidades. Individualidades essas que demonstram suas especificidades em uma cultura, referindo-se à singularidade, identificando que cada cultura possui características únicas, ou como podemos dizer, características singulares, que as permitem serem distinguidas de outras culturas.

Os vários entendimentos sobre o que seja cultura, sobre o que seja singularidade, e a relação que ambos possuem no campo da arte, é a essência deste encontro. Neste contexto, o papel atribuído a arte permitem uma transformação nos campos artísticos, enquanto criação artística e processos de construção de obras de arte. Atualmente, é perceptível um crescente interesse por questões culturais na esfera política, acadêmica e social, mas independente dos esforços feitos pelos poderes do Estado – executivo, legislativo e judiciário –, e das diversas

¹ Mestranda do Mestrado Profissional de Artes (Prof-Artes) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, simone.stl@outlook.com;

produções acadêmicas realizadas no Brasil ou exterior, que propõem formulações conceituais ou novos vocabulários.

Ao discutir sobre a cultura, analisamos como ocorre a construção das singularidades por parte dos processos de criação, compreenderemos melhor a crescente valorização da cultura regional. Segundo Sampaio (2005, p.2) “as produções culturais das comunidades passam a ter maior relevância por refletir mais diretamente as características que se relacionam aos grupos sociais locais”, desta forma, é possível constatar que os produtos culturais são vitais no processo de valorização como expressão da cultura regional, sendo os processos de criação e as obras culturais como parte na formação da singularidade cultural.

Pensar sobre a criação artística e compreender quais as implicações que são adotadas com essa perspectiva, é entender que “a criação artística é marcada por sua dinamicidade que nos põe, portanto, em contato com um ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade” (SALLES, 2006, p.12). Os diferentes fazeres artísticos e suas formas de expressão não se limitam apenas a potencial criatividade do homem e de suas necessidades, mas em um sentido global, as potencialidades e processos criativos no campo artístico permitem uma maior liberdade de sua ação no contexto emocional e intelectual.

De acordo com Salles (2004, p.25), “a criação é, assim, observada no estado de contínua metamorfose: um percurso feito de formas de caráter precário, porque hipotético”, logo, entendendo que os processos de criação em arte podem variar dependendo do artista e da sua forma de expressão, poderemos observar que cada artista possuirá uma abordagem única, adaptando-se ao processo de acordo com seu estilo pessoal e suas preferências.

As etapas do processo de criação não são lineares, podendo se sobrepor ou se repetir ao longo do processo de criação, deste modo, a criação artística se caracteriza pela flexibilidade e dinamicidade, permitindo diferentes possibilidades em suas obras. De acordo com Morin (in SALLES, 2006, p.15), é constatado que “na ciência uma teoria científica tem sempre incerteza de seus resultados, ainda que possa fundar-se em dados que sejam certos”, considerando, portanto, que as distintas formas artísticas apresentam sua importância para o desenvolvimento dos processos criativos.

Assim sendo, entender que o ato de criar é uma construção que possui mobilidade e flexibilidade, e que esse processo auxilia no desenvolvimento dos sujeitos reflexivos e nas suas diferentes manifestações artísticas, nesta perspectiva, pretende-se pensar sobre a cultura, educação, e a relação dialética que ambos possuem.

METODOLOGIA

Ao longo dos anos, a cultura tem apresentado um conceito extenso que restringe-se a questões superficiais, isso porque “a globalização gera uma cultura mais ampla, mais homogênea, derruba as fronteiras geográficas e culturais entre as nações e gera progressivos pontos de interseções interativos entre os povos” (SAMPAIO, 2005, p.2).

Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a sua grande variação. Saber em que medida as culturas variam e quais as razões da variedade das culturas humanas são questões que provocam discussão. Por enquanto quero salientar que é sempre fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem (SANTOS, 1987, p.8).

De acordo com Santos (1987, p.8), a “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”. Logo, podemos entender que cada realidade cultural tem suas práticas e costumes, apresentando uma dialética com as suas ideias particulares e ideias universais oriundas da globalização.

Para além dos conceitos genéricos sobre cultura, e destacando duas concepções básicas de cultura, Santos (1987) afirma que a primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social, e a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. Muitos fatores contribuem para a formação cultural de uma sociedade, logo, ambas concepções estão relacionadas às vivências humanas, e o seu processo evolutivo social, ou seja, o processo de aprendizagem entre o que pode aprender ou ensinar na sociedade.

De modo resumido, e assim afirmado por Sampaio (2005) sobre os conceitos de cultura, a educação também teve sua apresentação de conceitos de forma superficiais, desta forma, é entendível que por muitos anos não houve questionamentos sérios sobre os conceitos de cultura e educação, e a relação dialética que ambas possuem.

Um outro dado de que partíamos era o de que a educação trava uma relação dialética com a cultura. Desta forma a nossa experiência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa. A nosso tempo. A nosso espaço. Teríamos de levar em consideração as várias condições de tempo e de espaço brasileiros. E se nós já pensávamos em um método ativo que fosse capaz de criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras postas diante do grupo, essas situações teriam de ser existenciais para os grupos. Fora disso, estaríamos repetindo as falhas de uma educação alienada, por isso instrumental (FREIRE, 1963, p.8-9).

Ao discorrer sobre cultura, podemos identificar questões escolares, trazendo a memória quais temas as culturas trabalham na maior parte do tempo no ambiente escolar. Segundo Freire (1963), a educação não pode ser separada da cultura, já que as duas surgiram de uma necessidade em comum, a humana, entendendo que ambas pudessem existir, até os dias atuais, partilhando conhecimentos produzidos.

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema e televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma. A lista pode ser ampliada (SANTOS, 1987, p.21-22).

Ao expor sobre a relação entre educação e cultura, entendemos que os processos educacionais sempre levam em consideração as questões sócio culturais, e suas singularidades, já que as características culturais se relacionam a comunidade local. Singularidade pode ser vista como a preservação e a proteção das características culturais distintas de uma comunidade ou de um povo, e de acordo com Kepler (2015, p.217), os “processos de singularização ocorrem quando movimentos sociais adotam modos de produção de subjetividade que revolucionam as subjetividades colonizadas pelo capitalismo”.

(...) os autores chamam de “revolução molecular”, a possibilidade de produzir subjetividades com autonomia em relação às máquinas sociais que se engrenam para os fluxos do capitalismo: “chamo de processos de singularização algo que frustra esses mecanismos de interiorização de valores capitalistas”, (GUATTARI; ROLNIK, 2010 in KEPLER, 2015, p.217).

A singularidade cultural refere-se à individualidade e à especificidade de uma cultura ou de um grupo cultural, com características únicas que a distinguem de outras culturas, como seu idioma, tradições, arte, expressões criativas, entre outros, o que também podemos identificar em uma cultura local ou regional. Como uma condição de que não pertence mais a generalidade, a singularidade cultural é uma maneira de reconhecer e valorizar a cultura regional. Sendo assim, é mediante o contexto escolar que cada pessoa tem construído o seu papel de sujeito na sociedade, valorização e respeitando a diversidade cultural, contribuindo para a construção da sua própria identidade e para o patrimônio cultural global, de forma única.

Segundo Richter (1999, p.31) “a educação, no entanto, é universal, pois é a experiência básica do ser humano de aprende a ser competente na sua cultura”, deste modo, advindo de nossa diversidade cultural, é possível perceber que a sociedade tem se transformado a partir das

experiências sócio culturais, e por isso a cultura apresenta-se com mobilidade e flexibilidade, apresentando sempre constante transformação nos processos identitários.

REFERENCIAL TEÓRICO

As interações sociais e culturais buscam conectar as relações do artista com a cultura, no espaço e tempo ao qual está inserido, entendendo que a criação fundamenta-se e relaciona-se com o meio ao qual está situado, logo, de acordo com Salles (2006, p.25) “devemos pensar, portanto, a obra em criação como um sistema aberto que troca informações com seu meio ambiente”, desta forma, entendemos que

A própria idéia de criação implica desenvolvimento, crescimento e vida; conseqüentemente, não há lugar para metas estabelecidas *a priori* e alcances mecânicos. Por necessidade, o artista é impelido a agir. Uma ação com tendência, certamente, complexa que se concretiza por meio de uma operação poética registrada nos documentos do processo. Uma atividade ampla que se caracteriza por uma sequência de gestos, que geram transformações múltiplas na busca pela formatação da matéria de uma determinada maneira, e com um determinado significado. Processo que envolve seleções, apropriações e combinações, gerando transformações e traduções (SALLES, 2004, p.27).

Ao entender sobre os processos criativos, precisamos entender essa relação com a cultura, que de acordo com Santos (2006, p.47), “a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental”, desta forma, discutir sobre cultura, implica sobre discutir a ótica que é vista pela sociedade, que estão vendo e ouvindo repetições de conceitos recorrentes, visto que identificam a cultura como uma característica definida, ou como um produto.

(...) é comum que cultura seja pensada como algo parado, estático. Vejam o caso de eventos tradicionais, que por serem tradicionais podem convidar a serem vistos como imutáveis. Apesar de se repetirem ao longo do tempo e em vários lugares, não se pode dizer que esses eventos sejam sempre a mesma coisa. Assim, o carnaval brasileiro, por exemplo, tanto se transformou do início do século para cá, quanto se realiza de modo diverso em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador ou Recife. (SANTOS, 2006, p.47).

Dependendo do artista e da forma de expressão artística, os processos de criação em arte podem se modificar, a depender das opiniões, inspirações e regionalidade, que de acordo com Salles (2006, p.6), “são essas variações que nos levam às singularidades dos procedimentos de um artista determinado”, corroborando para o entendimento de que o ato de criar não é estático.

Segundo Ostrower (1977, p.10), “os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. Embora integrem, como será visto mais adiante, toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos”, nesse sentido, as decisões que surgem não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento do consciente, o que reforça que o ato de criar apresenta-se como um processo dinâmico.

(...) essa construção-criação dar-se-ia, então, a partir de um suporte (causa material), combinada com uma ideia-modelo imaginativa (causa formal) que operados por uma ação instrumental, física, técnica e eficiente (causa motriz) tem por finalidade gerar um produto dirigido a um fim (causa final). Para Aristóteles, nem a matéria nem a forma podem existir separadamente: na matéria, a coisa está em potência; na forma, ela está em ato (TAVARES, 2011, p.37).

Para muitos artistas, a inspiração é o ponto de partida, seguido da exploração e experimentação de técnicas, apresentando-se como uma obra em criação nos processos de produção concretizados nas artes. De acordo com Dewey (2010), a experiência ocorre de forma continuada e permite uma experiência com característica singular, fazendo o percurso, com o material vivenciado, até sua consecução.

A experiência singular tem uma unidade que lhe confere seu nome – aquela refeição, aquela tempestade, aquele rompimento de amizade. A existência dessa unidade é constituída por uma qualidade ímpar que perpassa a experiência inteira, (...). Ao repassa mentalmente uma experiência, depois que ela ocorre, podemos constatar que uma propriedade e não outra foi suficientemente dominante, de modo que caracteriza a experiência como um todo (DEWEY, 2010, p.110).

As práticas das linguagens artísticas ampliam a experiência estética e intercultural dos alunos, permitindo um exercício maior de autonomia intelectual e interação social, a partir de questões de seu interesse e/ou expectativas. A interação e brincadeira refletem o cotidiano da infância, como oportunidades fundamentais para uma melhor aprendizagem. Desta forma, no ambiente escolar, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orienta para experiências e vivências escolares organizadas, permitindo o desenvolvimento dos sujeitos reflexivos.

A BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica (BRASIL, 2017, p.16).

O desenvolvimento da observação autônoma, tendo o poder para estimular o pensamento reflexivo, pode ter seu estímulo inicial no ambiente social ou no ambiente escolar,

mas para Dewey (1979), esse tipo pensamento é o que acontece em cadeia, que a partir de uma sucessão de fatos organizados permite chegar-se a um determinado fim. Sendo assim, Dewey (1979, p.26) afirma que “(...) trazendo à mente as consequências de diferentes modalidades e linhas de ação, o pensamento faz-nos saber a quantas andamos ao agir”, nos permitindo agir a partir do conhecimento consciente, pela inteligência, seguido por uma consciente verificação de suas consequências. Desse modo, considerando a Arte como uma linguagem, a BNCC ressalta que:

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente (BRASIL, 2017, p.59).

Como etapa da educação básica, entendemos que as práticas das linguagens artísticas ampliam a experiência estética e cultural dos alunos, tendo como ponto de partida seus interesses e expectativas. Desta maneira, a BNCC determina para o ensino de Arte que,

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (BRASIL, 2017, p.193).

Observando o caminho em que o artista e o futuro artista está trilhando, conforme Morin (1998 apud Salles 2006, p.33) é compreender caminhos “onde há intensidade e multiplicidade de trocas e confrontos entre opiniões, idéias e concepções”, deste modo, podemos constatar que a escola permite uma frequente troca de ideias que auxiliam nas inovações do pensamento, visto que a pluralidade de opiniões permite uma dialógica mais intelectual, enfraquecendo os dogmatismos conceituais, e fortalecendo as criações em rede.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar como ocorre a construção das singularidades por parte dos processos de criação, conseguimos compreenderemos melhor a crescente valorização da cultura e dos elementos culturais da região. Tendo em vista que a arte é uma manifestação humana a partir

das emoções, ideias e percepções, desenvolver artisticamente os sujeitos é permitir a transformação de ideias, pensamentos, proporcionando novas formas de expressão, demarcando tendências tradicionais e escolanovistas (FERRAZ e FUSARI, 1992). As discussões se tornaram fundamentais para repensarmos as questões contemporâneas, entre elas a relação dialógica que existe entre cultura e educação, repensando as criações artísticas. Segundo Freire (1989),

No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. FREIRE (1989, pág. 10).

A partir dessa análise, percebemos que as criações artísticas se apresentam com abordagens processuais, nos quais as reflexões e expressões são expostas, reafirmando a construção dos seres sociais, e das suas identidades culturais. Sendo assim, é notável a compreensão que temos sobre a importância do ensino de arte na escola, entendendo que esse componente curricular tem o seu valor no desenvolvimento das habilidades, na formação escolar dos estudantes e na construção identitária dos jovens. Logo, nesse sentido, é permitido aos discentes vivenciar as fases de desenvolvimento educacional, e as tradições culturais a partir de seus contextos sociais, possibilitando a construção das singularidades culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes fazeres artísticos envolvem formas diversas de expressões, permitindo a participação e estimulação na construção de sujeitos reflexivos. Em muitos momentos, e passadas de geração em geração, a cultura que está diretamente ligada as formas de expressões, desempenhando papel fundamental na construção da identidade e singularidade dos sujeitos, bem como em sua participação social.

As questões que envolvem a criação artística, nos permitem olhar além do conceitos definidos, possibilitando o entendimento dos processos para a criação artística, com mobilidade e flexibilidade que perpassam as criações e obras de arte. A cultura está presente na formação social dos sujeitos, e ao observar sua relação dialética com a educação, configuram-se uma oportunidade de análise dos conceitos de forma mais complexa, bem como o alinhamento das intenções pedagógicas e artísticas para a difusão dos fundamentos teóricos, fundamentada na BNCC.

Para que a escola não seja mais um espaço de reprodução, mas sim de estímulo as criações artísticas e culturais, com produções de experiências e relações significativas, entendemos que as preocupações e perspectivas com a cultura fazem parte da organização social, tendo uma inquietação para um maior estímulo por parte da escola a fim de possibilitar mais experiências e processos de criação.

Desta forma, chego ao fim dessas reflexões reafirmando a boa relação dialógica que existe entre cultura e educação, entendendo em um sentido mais amplo e fundamental os benefícios dos processos de criação e das redes que são criadas, a partir dessa dialogicidade, que se apresenta de forma não linear, proporcionando uma compreensão estruturada da importância dos espaços educativos para os estímulos de suas singularidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2023.

DEWEY, John. Como Pensamos, como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. Tradução: Haydée Camargo Campos. 4. ed. São Paulo: **Nacional**, 1979.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: **Martins Fontes**, 2010.

FREIRE, Paulo. Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo. **Revista de Cultura da Universidade do Recife**, n.4, abr.-jun. 1963. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/est.univ_.pdf>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

KEPLER, Paula Ávila. Identidade: singularidade: conceitos presentes na arte. ISSN 2177-8566 - **Revista Poiésis**, 2015. Disponível em: <<http://www.poesis.uff.br/p26/p26-6-artigos-5-paula-kepler.pdf>>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 15 ed. Petrópolis, RJ: **Editora Vozes Ltda**, 1977.



SALLES, Cecília Almeida. Gesto Inacabado: processo de criação artística. 2 ed. São Paulo: FAPESP: **Annablume**, 2004. 168 p.

SALLES, Cecília Almeida. Redes da Criação: Construção da obra de arte. São Paulo: ed. **Horizonte**, 2006.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura? 6 ed. São Paulo: **Editora Brasiliense**, 2006.

TAVARES, Monica. Processos de criação na arte. **ECA – Escola de Comunicações e Artes**, 2011. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002913390.pdf>>. Acesso em: 08 de julho de 2023.

SAMPAIO, Tiago Santos. A Identidade Cultural Regional em Gabriela. **CULT – Centro de estudos multidisciplinares em cultura**, 2005. Disponível em: <<https://www.cult.ufba.br/enecul2005/TiagoSantosSampaio.pdf>>. Acesso em: 02 de julho de 2023.

VEIGA–NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. **SCIELO**, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/G9PtKyRzPcB6Fhx9jqLLvZc/?lang=pt>>. Acesso em: 07 de julho de 2023.